

LOUVORES À VIRGEM MARIA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bernardo, de Claraval, Santo

Louvores à Virgem Maria / Bernardo de Claraval ; tradução de Mario José Santos. - São Paulo : Paulus, 2026.

(Coleção Communio Sanctorum)

ISBN 978-85-349-6471-5

Título original: Lodi della Vergine Madre

1. Maria, Virgem, Santa – Culto 2. Igreja Católica - Sermões 3. Santos cristãos
I. Título II. Santos, Mario José III. Série

26-4168

CDD 232.917

Índice para catálogo sistemático:

1. Maria, Virgem, Santa – Culto

Coleção **Communio Sanctorum**

- *Visitas ao Santíssimo Sacramento e a Maria Santíssima*, Santo Afonso Maria de Ligório
- *Preparação para a missa*, São Boaventura
- *Devocionário em honra ao patriarca São José*, R. P. Francisco de P. Garzon
- *Novena ao Coração de Jesus*, Santo Afonso Maria de Ligório
- *Novena de Natal*, Santo Afonso Maria de Ligório
- *Novena ao Divino Espírito Santo*, Santo Afonso Maria de Ligório
- *Via-sacra*, Santo Afonso Maria de Ligório
- *Os quatorze santos auxiliares: instruções, legendas, novenas e orações*, Frei Boaventura Hammer
- *A veneração dos santos*, Frei Boaventura Hammer
- *Maria, auxiliadora dos cristãos: novenas em preparação às principais festas da Santíssima Virgem Maria*, Frei Boaventura Hammer
- *A prática da humildade*, Papa Leão XIII
- *Máximas de perfeição cristã*, Bem-aventurado Antonio Rosmini
- *Louvores à Virgem Maria*, São Bernardo de Claraval

São Bernardo de Claraval

Tradução:
Pe. Mário José Santos, ssp

LOUVORES À VIRGEM MARIA



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Lodi della Vergine Madre*

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme

Luiz Henrique Ribeiro Lima

Luiza Tenuta

Design

Leonardo Cerretti

Imagem da capa

Getty Images

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
ISBN 978-85-349-6471-5

Índice

Prefácio	7
I Homilia	9
II Homilia	21
III Homilia.....	43
VI Homilia.....	59
Sermão na natividade de Maria Santíssima	77

PREFÁCIO



A devoção a Nossa Senhora me leva a escrever algo, mas as ocupações me impedem. Agora que a doença não me permite participar na vida comum, não quero perder este tempo disponível, mesmo que tenha de roubar um pouco o sono da noite. Para mim é agradável cingir-me sobretudo àquilo que desde algum tempo desejava, isto é, dizer algo em louvor da Virgem Mãe, comentando o texto evangélico no qual São Lucas narrou a história da Anunciação do Senhor. A este trabalho não me obriga nenhuma necessidade ou utilidade para os monges, em proveito dos quais estou obrigado a trabalhar. Todavia, uma vez que não estou impedido de estar sempre disponível às suas necessidades, considero que eles não terão motivos de se lamentar por satisfazer a minha devoção.

I HOMILIA



*O anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade
da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem prometida
como esposa a um homem da casa de Davi,
chamado José, e o nome da virgem era Maria.
(Lc 1,26-27)*

1. Por que é que o evangelista quis indicar tantas coisas pelo seu nome nesta passagem? Creio que o fez para que nós não descurássemos nada de quanto ele com tanta diligência se esforçou contar. Nomeia, de fato, o mensageiro que foi enviado e o Senhor por quem foi enviado, a Virgem a quem foi enviado, e até o esposo da Virgem, a mesma descendência de ambos, a sua cidade e a sua região. E isso por quê? Talvez penses que sejam indicações supérfluas? Não, certamente. Se, de fato, não cai uma folha sem alguma razão, nem cai por terra um pássaro sem o conhecimento do Pai celeste, poderia eu talvez pensar que da boca do santo evangelista saia alguma palavra supérflua, especialmente na narração da história sagrada do Verbo encarnado? Não penso assim. Todas aquelas palavras estão cheias de profundos mistérios e espalham uma suavidade celeste, desde que alguém as medite

com diligência e *saiba sugar o mel do rochedo* (Dt 32,13). Na verdade, *naquele dia os montes estilarão doçura, e nas colinas correrá leite e mel* (Jl 4,18; Am 9,13; Ex 3,8), quando *do alto dos céus se destilava o orvalho e as nuvens choviam o justo e a terra se abria, germinando com alegria o Salvador* (Is 45,8; 35,2); quando, manifestando o Senhor sua benignidade, e dando a nossa terra o seu fruto, naquele cole excelso, fértil e produtivo, *a misericórdia e a verdade se encontraram, a justiça e a paz se beijaram* (Sl 84,13.11; 67,16). Também naquele tempo, este santo evangelista, único mas não pequeno entre os outros outeiros, com linguagem melíflua nos descreveu o desejado início da nossa salvação e, quase investido pelo vento quente (austro) e pelos raios do Sol da justiça, já quase a nascer espalhou o perfume de aromas celestes. Que o nosso Deus se digne agora enviar-nos sua Palavra e espalhá-la também sobre nós; faça soprar o seu Espírito, e nos deixe entender bem as palavras do Evangelho. Que estas sejam mais desejosas ao nosso coração do que o ouro e as pedras mais preciosas, e sejam ainda mais doces do que um favo de mel.

2. Dizia o santo evangelista: *O anjo Gabriel foi enviado por Deus* (Lc 1,26). Não penso que esse anjo seja dos inferiores, entre os que costumam frequentemente trazer anúncios do céu para a terra; isso claramente se deduz do seu nome, que significa Fortaleza de Deus, e pelo fato de não ter sido enviado outro anjo superior a ele, mas, como está escrito, ele foi enviado pelo próprio Deus. É por isso que o evangelista particularizou: *foi enviado por Deus*; como a dizer: por Deus, para não se pensar que Deus revelara o

seu desígnio a algum dos espíritos bem-aventurados antes do que à Virgem, feita exceção ao arcanjo Gabriel, muito mais elevado que os seus companheiros, pois pareceu digno do seu nome, e digno de levar tal mensagem. De resto, o seu nome bem se adaptava à mensagem. Na verdade, a quem mais convinha anunciar Cristo, que é a Fortaleza de Deus, senão a ele, cujo nome significa a mesma coisa? A força de Deus é uma virtude divina. O evangelista nem corrigiu ou achou inconveniente chamar pelo mesmo nome o Senhor e o seu mensageiro, ainda que o mesmo nome seja atribuído por diversas razões a um e a outro. Cristo de fato é chamado Fortaleza ou Virtude de Deus em sentido diferente do anjo: este é chamado virtude de Deus só por participação, mas Cristo é tal por essência. Ele é mais forte do que aquele que era forte e armado. Mas Cristo, qual guardador imperturbável em sua casa, veio a debelá-lo com a sua potência e assim lhe arrancou a presa que tinha em seu poder.

Quanto ao anjo, foi chamado força de Deus porque mereceu o privilégio de anunciar a vinda desta Virtude de Deus, ou então porque devia confortar a Virgem, por natureza temerosa, simples e pura para não se espantar com a novidade do milagre; e foi o que ele fez: *Não temas, Maria, encontraste graça junto de Deus* (Lc 1,30). Também se pode razoavelmente crer que o mesmo anjo, ainda que o evangelista não o nomeie, foi quem confortou o esposo de Maria, também ele homem humilde e temeroso: *José, filho de Davi, não temas tomar contigo Maria como tua esposa* (Mt 1,20). Foi, pois, conveniente que a Gabriel se tenha

confiado essa missão; e porque tal ofício lhe foi atribuído, fica-lhe bem o nome com que é chamado.

3. *Foi, pois, enviado por Deus o anjo Gabriel* (Lc 1,26). Aonde? A uma cidadela da Galileia chamada Nazaré. Vejamos se de Nazaré, como afirmou Natanael (Jo 1,46), *pode sair coisa boa*. Nazaré significa flor. A mim parece que as palavras e as promessas feitas por Deus aos Pais, a Abraão, Isaac e Jacó, fossem como uma semente de revelação divina lançada do céu para a terra, de cuja semente se escreveu: *Se o Senhor dos exércitos não nos tivesse lançado uma semente, seríamos como Sodoma e Gomorra* (Is 1,9). Essa semente floresceu nas maravilhas operadas por Deus quando Israel saiu do Egito, nas figuras e símbolos misteriosos que o acompanhavam durante toda a travessia pelo deserto até a Terra Prometida, e seguidamente nas visões e nas profecias dos profetas e no ordenamento do reino e do sacerdócio até a vinda de Cristo. Não à toa, Cristo é considerado fruto dessa semente e dessas flores, segundo as palavras de Davi: *O Senhor criará o seu bem, e a nossa terra dará o seu fruto* (Sl 84,13); e ainda: *No teu trono colocarei um fruto de tuas vísceras* (Sl 131,11). Em Nazaré, portanto, foi anunciado o nascimento de Cristo, porque na flor está a esperança do fruto. Mas, despontado o fruto, a flor cai, porque, aparecendo a verdade na carne, a figura desaparece. Por isso é que foi dito que Nazaré é uma cidade da Galileia, ou seja, uma cidadela de passagem, porque no nascimento de Cristo passaram todas as coisas que foram já ditas, as quais, como disse o apóstolo, *aconteceram como figuras* (1Cor 10,11). Nós também, que já possuímos o fruto,

vemos que tais flores caíram; e, enquanto as vimos florescer, sabia-se que já haviam passado. Por isso disse Davi: *como a erva que germina pela manhã logo floresce e cresce, à tarde é cortada e seca* (Sl 89,6). À tarde, quando veio a plenitude dos tempos, em que Deus enviou o seu Filho unigênito, feito duma mulher, nascido sob a lei, segundo o que foi dito: *Faço novas todas as coisas* (Ap 21,5). As coisas velhas passaram e desapareceram, naquele modo em que, logo que o fruto começa a crescer, as flores caem e murcham. Pelo que foi também escrito: *A erva seca e as flores caem; mas a Palavra do Senhor permanece eternamente* (Is 40,8).

4. Cristo, portanto, é o bom fruto que permanece eternamente. Mas onde foi que a erva secou? Responde o profeta: *Toda a carne é efêmera como a erva, e toda a sua glória é como a flor da erva* (Is 40,6). Se toda a carne é erva, também era erva aquele povo carnal dos judeus. Não terá a erva secado quando aquele povo, vazio de todo o conteúdo espiritual, se contentou com a letra árida? Se a flor não caiu, onde está o reino, onde o sacerdócio, onde os profetas, o templo, por fim, onde as maravilhas das quais costumava gloriar-se, dizendo: *Tudo o que ouvimos e conhecemos e os nossos pais nos anunciaram* (Sl 77,3). E ainda: *As coisas que Deus mandou fazer a nossos pais, deu-as a conhecer a seus filhos* (Sl 77,5). Isso para explicar o que foi dito: ...em Nazaré, cidade da Galileia.

5. A essa cidade enviou Deus o anjo Gabriel. A quem foi enviado? *A uma Virgem desposada com um homem chamado José* (Lc 1,27). Quem é essa Virgem tão venerável saudada

por um anjo, e tão humilde e desposada com um carpinteiro? Bela união esta, da virgindade com a humildade. Muito agrada a Deus aquela alma em que a humildade dá valor à virgindade e a virgindade adorna a humildade. Mas de quanta veneração pensas que seja digna aquela em que a humildade é exaltada pela fecundidade, e a maternidade consagrada pela virgindade? Tu a ouves proclamar virgem e humilde; então, se não podes imitar a virgindade da humilde, imita a humildade da virgem. A virgindade é virtude louvável, mas é mais necessária a humildade. A primeira é aconselhada, a outra é recomendada. És convidado à primeira, mas à segunda és obrigado. Acerca da virgindade foi dito: *Quem puder compreender, compreenda* (Mt 19,12); mas, acerca da humildade, *se não vos converterdes nesta criança, não entrareis no Reino dos Céus* (Mt 18,3); à primeira foi prometida uma recompensa, mas a segunda é de estreita necessidade. Em suma, podes salvar-te sem a virgindade, mas não sem a humildade. E eu digo: pode a humildade agradar a quem lastima a virgindade perdida; mas, sem a humildade, ousa dizer que nem a virgindade de Maria teria sido agradável a Deus: *Sobre quem se pou-sará o meu Espírito, senão no humilde e humilhado de cora-ção?* (Is 66,2). Referiu-se ao humilde, mas não ao virgem. Se, portanto, Maria não fosse humilde, o Espírito Santo não teria descido sobre ela. E se o Espírito Santo não tivesse descido nela, também não teria concebido por sua obra.

Na verdade, como poderia ela ter concebido por Ele sem Ele? Portanto, é claro que, para que ela concebesse por obra

do Espírito Santo, Deus, como ela confessou, *olhou para a humildade da sua serva* (Lc 1,48), em vez de olhar para a sua virgindade, concebendo devido a sua humildade. É também claro que, se a virgindade agradou, certamente foi devido à sua humildade.

6. E tu dizes que te orgulhas da tua virgindade? Maria, de si esquecida, gloria-se da sua humildade; e tu, que transcuras a humildade, te glorias da tua virgindade? Deus, disse Maria, *olhou para a humildade da sua serva*. E quem é essa serva? Uma virgem santa, sóbria, devota. Serás tu mais casto que ela? E mais devoto? Ou talvez a tua pureza lhe seja mais agradável do que a castidade de Maria? Se para te tornares aceito a Deus sem humildade terá bastado a tua virgindade, então a Maria não bastou a sua? Finalmente, quanto mais digno fores de honrarias pelo dom singular da castidade, tanto dano maior fazes a ti mesmo pelo fato de deturpares seu esplendor, misturando-a com a soberba. Assim sendo, mais te conviria não seres virgem do que seres insolente devido à tua virgindade. A virgindade não é para todos; e muito menos são os que com ela vivem sem humildade. Se, pois, não puderes admirar a virgindade de Maria, então esforça-te por lhe imitares a humildade, pois para ti é suficiente. Mas, quem quer que sejas, se fores virgem e ao mesmo tempo humilde, és realmente grande.

7. Mas há ainda outra coisa para admirar em Maria, e é a virgindade unida à fecundidade. Nunca se ouviu dizer que uma mulher fosse mãe e virgem ao mesmo tempo. Oh, se